



LEONTINA SILVA SEBASTIÃO
LUANA MEDEIROS DE SOUZA

USO DE ANSIOLÍTICOS E ANTIDEPRESSIVOS NA COVID-19 NO BRASIL

NATAL/ RN

2022

USO DE ANSIOLÍTICOS E ANTIDEPRESSIVOS NA COVID-19 NO BRASIL

USE OF ANXIOLYTICS AND ANTIDEPRESSANTS IN COVID-19 IN BRAZIL

LEONTINA SILVA SEBASTIÃO¹

LUANA MEDEIROS DE SOUZA²

SARAH DE SOUSA FERREIRA³

RESUMO

A depressão e a ansiedade, hoje em dia, são as doenças mentais que mais afetam a população brasileira. O objetivo desse estudo foi analisar o quanto a pandemia trouxe um elevado aumento no número de casos de pessoas com depressão e consequentemente o maior número de pacientes fazendo uso de ansiolíticos. Este estudo trata-se de uma revisão da literatura. O material bibliográfico foi selecionado em agosto de 2022, abrangendo publicações entre os anos de 2020 a 2022. O aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a pandemia ocorreram por diversas causas. O convívio prolongado dentro de casa aumentou o risco de desajustes na dinâmica familiar. O que se soma a isso as reduções de renda e o desemprego, que pioram ainda mais a tensão sobre as famílias, os pais vendo muitas vezes seus filhos não terem o que comer por exemplo. E, ainda, as mortes de entes queridos em um curto espaço de tempo, juntamente à dificuldade para realizar o velório e enterro, e com isso dificultando a experiência de luto e impedindo a adequada resignificação das perdas, aumentando o estresse. Em conclusão, os resultados obtidos mostraram que o uso de ansiolíticos aumentou em diversas partes do Brasil sendo o sexo feminino o mais afetado. Os estudos foram realizados com vários grupos de pessoas incluindo estudantes e profissionais da área da saúde. Medicamentos como Diazepam e Clonazepam foram os mais prescritos pelos profissionais médicos.

Palavras-chave: Pandemia. Ansiedade. Depressão. Insônia. Medicamentos.

¹Graduando em Farmácia pela Universidade Potiguar – E-mail: leontinassebastiao@gmail.com

²Graduando em Farmácia pela Universidade Potiguar – E-mail: medeiroslujo@gmail.com

³Professora-Orientadora. Docente na Universidade Potiguar –E-mail: profsarahferreira@gmail.com

ABSTRACT

Depression and anxiety, nowadays, are the mental illnesses that most affect the Brazilian population. The objective of this study was to analyze how much the pandemic brought a high increase in the number of cases of people with depression and, consequently, the largest number of patients using anxiolytics. This study is a literature review. The bibliographic material was selected in August 2022, covering publications between the years 2020 and 2022. The increase in psychic symptoms and mental disorders during the pandemic occurred due to several causes. Prolonged living together at home increased the risk of imbalances in family dynamics. Added to this are reductions in income and unemployment, which further worsen the strain on families, parents often seeing their children have nothing to eat, for example. And, yet, the deaths of loved ones in a short period of time, together with the difficulty in carrying out the wake and burial, and with that making the mourning experience difficult and preventing the adequate re-signification of the losses, increasing stress. In conclusion, the results obtained showed that the use of anxiolytics increased in different parts of Brazil, with females being the most affected. The studies were carried out with various groups of people including students and health professionals. Medicines like Diazepam and Clonazepam were the most prescribed by medical professionals.

Keywords: Pandemic. Anxiety. Depression. Insomnia. Medicines.

1 INTRODUÇÃO

A depressão e a ansiedade, hoje em dia, são as doenças mentais que mais afetam a população brasileira e pode chegar a atingir de 10-15% da população mundial (PREVEDELLO, 2017).

As doenças mentais têm como características uma condição de saúde que pode envolver nas pessoas mudanças emocionais, visto que, esta doença mexe no pensamento e no comportamento das pessoas, o que pode-se chamar de uma combinação de todas elas, associadas a angústia e família, levando ao desenvolvimento de problemas funcionais em atividade sociais de trabalho. Pessoas com esses tipos de transtornos experimentam variações no estado de expressões afetivas e de humor (RUA; SANTOS, 2017).

A ansiedade é um sentimento considerado comum para qualquer ser humano, mas pode também ser um transtorno de ansiedade generalizada, definido por ansiedade exagerada ela pode ser associada à depressão, seus sintomas são silenciosos e complexo, com dificuldades no relacionamento familiar, profissional e no seu ciclo de amizades (BERNARAS et al., 2020).

Os sintomas de ansiedade surgem quando a pessoa é incapaz de relaxar. Os pensamentos da pessoa com ansiedade se tornam um só, eles são fixos e determinados a certos assuntos, o sintoma de fadiga e insônia aumentam. A pessoa vive a todo momento com uma sensação de medo e preocupação (BATISTA; OLIVEIRA, 2005).

A negatividade dos pensamentos é uma característica da pessoa com ansiedade, mas esse sintoma pode ser como uma porta para os quadros depressivos. Com sintomas fortes a ansiedade acaba impedindo das pessoas a saírem de casa, devido as crises fortes e assim desenvolvem a depressão (BERNARAS et al., 2020).

A depressão é uma doença psíquica de caráter muito severo, se torna uma doença crônica, que é confundida por diversas vezes com a ansiedade, seus sintomas são caracterizados pelo sentimento de tristeza profunda, normalmente a pessoa terá dias mais pra baixo, principalmente se existir naquele momento situações que possa levar a isso, baixa alta estima e falta de ânimo. A pessoa com depressão também perde a vontade de cumprir as suas atividades que antes lhes proporcionavam prazeres, existe a oscilação de humor, e seus pensamentos podem se tornar desejo de suicídio. Todo esse distúrbio na maioria das vezes é causado devido a uma alteração química do cérebro, que pode chegar a levar na queda de neurotransmissores como a serotonina, a dopamina e a noradrenalina, que são importantes (BRASIL, 2019).

Com o aumento dessas doenças psíquicas, o consumo de antidepressivos de primeira linha que atuam no controle de neurotransmissores do Sistema Nervoso Central (SNC) aumentaram, assim como o consumo de cigarro, drogas e álcool para que este indivíduo pudesse lidar melhor com todas essas sensações e emoções. Segundo a OMS, o Brasil está atrás somente dos Estados Unidos no ranking de países com mais pacientes com diagnóstico de depressão, e em primeiro lugar em quadros de ansiedade (FIOCRUZ, 2020).

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, e tem elevada transmissibilidade e de distribuição global. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, gado, gatos e morcegos. Ainda, o SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (BRASIL, 2022).

Neste sentido, o objetivo desse estudo foi analisar o quanto a pandemia trouxe um elevado aumento no número de casos de pessoas com depressão, insônia, ansiedade e consequentemente o maior número de pacientes fazendo uso de ansiolíticos.

Este estudo trata-se de uma revisão da literatura. O material bibliográfico foi selecionado em agosto de 2022, abrangendo publicações entre os anos de 2020 a 2022. Para tanto, foi utilizado os seguintes banco de dados: Pubmed, Scielo, Biblioteca Virtual de Saúde, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scopus, Web of Science e 'literatura cinzenta' (Google Scholar). A busca foi realizada utilizando os descritores "Medicamentos ansiolíticos na pandemia", "Aumento do uso de ansiolíticos e a covid-19" e "Ansiolíticos e Covid-19".

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos com dados epidemiológicos e clínicos, em língua portuguesa ou inglesa, que apresentavam resultados obtidos nos estados ou municípios brasileiros e que foram publicados nos últimos dois anos.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 O aumento dos transtornos mentais e tratamento durante a pandemia de Covid-19

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) avaliou que a Covid-19 caracterizava-se como uma pandemia. Com isso houve o aumento de transtornos mentais e trauma psicológico provocados diretamente pela infecção ou por seus desdobramentos secundários (OMS, 2022).

Segundo a OMS, os sinais e sintomas iniciais da doença lembram um quadro gripal comum, mas variam de pessoa para pessoa, podendo se manifestar de forma branda, em forma de pneumonia, pneumonia grave e Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG). A maior parte das pessoas infectadas apresenta a forma leve da doença, com alguns sintomas como mal-estar, febre, fadiga, tosse, dispneia leve, anorexia, dor de garganta, dor no corpo, dor de cabeça ou congestão nasal, sendo que algumas também podem apresentar diarreia, náusea e vômito. Idosos e imunossuprimidos podem ter uma apresentação atípica e agravamento rápido, o que pode causar a morte, principalmente dos idosos e indivíduos com comorbidades preexistentes (OMS, 2022).

A OMS divulgou a recomendação de dois medicamentos no tratamento de pacientes com casos graves de Covid-19. O medicamento baricitinibe, conhecido como inibidor da Janus quinase e usado para tratar artrite reumatoide,

juntamente com corticosteroides, ele mostrou que é capaz de auxiliar na sobrevivência e reduzir a necessidade de ventilação dos pacientes (OMS, 2022).

A sugestão é que apenas seja aplicado em pacientes com maior risco de hospitalização. As recomendações foram baseadas em novas evidências de sete ensaios envolvendo mais de 4 mil pacientes com infecção por Covid-19 não grave, grave e crítica (OMS, 2022).

A OMS segue contraindicando o uso de plasma convalescente, ivermectina e hidroxicloroquina em pacientes com Covid-19 independente da gravidade da doença (OMS, 2022).

As pessoas reagem de maneira diferente a situações. Como cada um respondeu à pandemia dependeu muito de vários fatores como de sua formação, da sua história de vida, das suas características particulares e da comunidade em que vive. Os grupos que provavelmente responderam mais intensamente ao estresse de uma crise como a pandemia foram: pessoas idosas ou com doenças crônicas que apresentaram maior risco se terem Covid-19, profissionais de saúde que trabalharam no atendimento à Covid-19 e pessoas que têm transtornos mentais, incluindo problemas relacionados ao uso de substâncias (BRASIL, 2022).

O aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a pandemia ocorreram por diversas causas. Dentre elas, pode-se destacar a ação direta do vírus da Covid-19 no sistema nervoso central, as experiências traumáticas associadas à infecção ou à morte de pessoas próximas, o estresse induzido pela mudança na rotina devido às medidas de distanciamento social ou pelas consequências econômicas, na rotina de trabalho ou nas relações afetivas e, por fim, a interrupção de tratamento por dificuldades de acesso (BRASIL, 2022).

Esses cenários não são independentes. Ou seja, uma pessoa pode ter sido exposta a várias destas situações ao mesmo tempo, o que eleva o risco para desenvolver ou para agravar transtornos mentais já existentes (BRASIL, 2022).

O distanciamento social alterou os padrões de comportamento da sociedade, como o fechamento de escolas, a mudança dos métodos e da logística de trabalho, o que conseqüentemente minou o contato próximo entre as pessoas, algo que é tão importante para a saúde mental (BRASIL, 2022).

O convívio prolongado dentro de casa aumentou o risco de desajustes na dinâmica familiar. O que se soma a isso as reduções de renda e o desemprego, que pioram ainda mais a tensão sobre as famílias, os pais vendo muitas vezes seus filhos não terem o que comer por exemplo. E, ainda, as mortes de entes queridos em um curto espaço de tempo, juntamente à dificuldade para realizar o velório e enterro, e com isso dificultando a experiência de luto e impedindo a adequada resignificação das perdas, aumentando o estresse (BRASIL, 2022).

2.2 O uso de medicamentos associados aos transtornos mentais na pandemia de Covid-19

Alguns autores realizaram estudos para avaliar o uso de medicamentos para o tratamento de transtornos de ansiedade e depressão durante a pandemia do Covid-19.

O uso de ansiolíticos é a base na terapia medicamentosa da ansiedade, a classe mais utilizada e prescrito é os benzodiazepínicos no tratamento da ansiedade. Agem especificamente sobre o receptor GABA, onde aumenta a sua disponibilidade na fenda sináptica, com isso ocorre uma melhora nos sintomas causados pela ansiedade. Os benzodiazepínicos estão sendo muito utilizados para tratar a insônia, já que essa classe apresenta reações adversas, como a sonolência. A eficácia dos antidepressivos, além dos benzodiazepínicos, se tornam amplamente utilizado no tratamento da ansiedade, devido ao aumento dos níveis de serotonina, noradrenalina e dopamina, os sintomas da ansiedade de origem depressiva são melhorados (PINTO, 2014).

De acordo com os dados de pesquisas realizados pelo Ipsos (2021), da pandemia de Covid-19, cerca de 26% da população brasileira disseram ter crises de insônia durante a pandemia, a população feminina foram as mais atingidas com 33% desse valor. As crises de ansiedades, foram relatados em quatro de cada dez brasileiros (41%), isso foi se deve ao surto do novo coronavírus, informou a grande maioria, as mulheres foram as mais afetadas com um percentual de 49% já os homens com 33% (BRITO, 2021; SILVA, 2021).

Avaliados em relação ao comportamento depressivo ou depressão, foi constatado que um em cada dez entrevistados no Brasil (11%) afirmaram ter sintomas de depressão durante o período pandêmico. As mulheres sempre estão à frente nos rankings, atingido 14%, enquanto os homens totalizaram 7%. Esses dados foram o levantamento do “Tracking The Coronavírus”, que foi realizado pelo Instituto Ipsos, 2022. Esses resultados podem-se observar que entre a insônia, ansiedade e depressão, a alteração de humor que mais prevalece é a ansiedade, com o maior percentual, o gênero feminino foi o mais afetado (BRITO, 2021; SILVA, 2021). O percentual de homens e mulheres com ansiedade, insônia e depressão esta citada na tabela 1.

Tabela 1: Percentual de homens e mulheres com ansiedade, insônia e depressão durante a pandemia da COVID-19 em 2020 Brasil.

	Insônia	Ansiedade	Depressão
População geral	26%	41%	11%
Homens	17%	33%	7%
Mulheres	33%	49%	14%

Fonte: Adaptado de Lima et al. (2022)

Herculano e colaboradores (2022), observaram que os profissionais da enfermagem de uma emergência obstetrícia de alto risco de uma maternidade pública de Fortaleza-CE, onde nove profissionais sendo 5 enfermeiros e 4 técnicos de enfermagem, com base nas entrevistas realizadas com profissionais da linha de frente que uns dos principais desafios e o que gerou angustia neles foi devido ao isolamento social, o distanciamento dos familiares, o número de

mortes diárias, a contaminação dos colegas de trabalho, foram marcantes para os profissionais, como demonstrado nas falas dos profissionais abaixo.

“Eu tive depressão por conta dessa COVID-19, fiquei até um tempo afastada (...), tive bastante medo(...), tinha medo de contaminar meus familiares (...), esse era o meu medo(...), a sensação que eu tinha é que estava vivendo um filme de terror” (HERCULANO et al.,2022).

“Apesar de eu ser calma, eu desenvolvi um pouco de ansiedade, eu acho também que a pandemia de COVID-19 influenciou porque você acaba absorvendo, sempre vai trabalhar com aquele medo (...), com aquela sensação de, há o que é que vai acontecer (...), pensava na minha família, ficava muito ausente em casa, mas às vezes também era para proteção deles(...)” (HERCULANO et al.,2022).

“Quando começou eu entrei em pânico, temi por mim porque sou obesa, diabética e hipertensa (...) como mãe eu me sentia muito responsável nesse sentido, de trazer a doença para casa (...) morrer e nunca mais ver meus filhos(...) até hoje eu sou apavorada(...) já consigo sair de casa, já consigo fazer o que eu tenho que fazer(...), mas não é fácil (...)” (HERCULANO et al., 2022).

Com os relatos Herculano et al. (2022) identificaram a fragilidade e angústia dos profissionais, momentos em que o conflito estava sempre presente nas atitudes e nos cuidados com as pacientes, pois como relataram tinham medo de ir para casa e contaminar seus próprios familiares e ao mesmo tempo sabiam que tinham que cuidar e ajudar aos pacientes acometidos com a covid-19. Eles realmente foram heróis pois mesmo com todos esses conflitos sempre estiveram fazendo o melhor que puderam para salvar vidas.

Vasquez realizou um estudo transversal aplicado entre outubro e dezembro de 2020 que objetivou avaliar os possíveis impactos e associações da pandemia sobre a saúde mental dos jovens, de acordo com as alterações no modo de vida das restrições ao convívio social, do fechamento das escolas e das dificuldades de continuidade dos estudos remotamente, considerando os registros de casos de infecção, perda de emprego e redução de salários no âmbito familiar, além das diferenças no comportamento segundo sexo, raça e condição social. Quais desses fatores comportamentais, educacionais e/ou socioeconômicos estão associados à variação nos índices de depressão e ansiedade durante o período de pandemia? Essa é a questão central que norteou a realização do estudo deste autor.

No estudo realizado por Vasquez (2020) em estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio em escolas públicas estaduais e municipais, que se localizavam nas periferias dos municípios de São Paulo e Guarulhos estudantes apresentaram triagem positiva em 10,5% para sintomas depressivos graves e 47,5% para sintomas ansiosos graves. Revisões sistemáticas forneceram evidências de que tais prevalências tenham aumentado significativamente durante a pandemia.

Os efeitos da pandemia que mais geraram efeitos depressivos e de ansiedade foram: isolamento social, pois os jovens não poderiam mais sair de

casa com o medo de se infectar com a Covid-19. A perda de emprego dos seus pais também foi um dos fatores que levaram ao aparecimento de casos de depressão e ansiedade, pois viam seus pais preocupados sem ter condições de alimentação, com o isolamento social consequentemente houve a mudança de rotina e começou a gerar por exemplo a inversão do sono, os jovens passavam muitas horas no computador e celular e com isso estavam dormindo durante o dia em vez da noite. Alguns desses não continuaram os estudos, muitos deles até por não ter condições de estudo, como internet e um computador.

Ribeiro (2020) realizou um estudo observacional, descritivo e transversal, no período de agosto a outubro do mesmo ano, em uma maternidade de referência em Fortaleza, estado do Ceará, Brasil. O estudo foi aplicado em 189 profissionais de enfermagem, de forma privativa a entrevista contou com 51,8% profissionais técnicos de enfermagens e 48,2% enfermeiros com duração de 20 minutos. Ribeiro observou que o sexo feminino foi o mais prevalente contanto com 69,3% com idade entre 34 e 46 anos, moradores de Fortaleza-CE. Com sintomas de ansiedade o resultado foi de 43,4% (36,4% - 50,6%) a maior prevalência entre os entrevistados foram do sexo feminino. Os setores de trabalho que foram mais atingidos com os transtornos de ansiedade foram os da linha de frente (62,6%; n=117) na emergência e clínica obstétrica, que são os designados pela gerencia do Hospital como Unidade COVID-19 e UTI (Unidade de Terapia Intensiva) materna.

Em relação aos sintomas de depressão, Ribeiro (2020) observou uma prevalência de 29,6%, sendo o sexo feminino mais atingido com 30,2%, os profissionais entrevistados com sintomas de depressão foram de 23,5% enfermeiros e 36,3 técnicos de enfermagem. Desses profissionais entrevistados a maioria (62,6% n= 117) estava trabalhando na linha de frente, com pacientes com suspeitas ou casos confirmados da COVID-19. De acordo com o estudo este estudo, a pandemia da COVID-19 ocasionou uma alta prevalência nos sintomas de ansiedade e depressão entre os profissionais de enfermagem, tanto para aqueles que atuavam da linha de frente da COVID-19, como também para os trabalhadores nos setores.

Robba e colaboradores (2020) realizaram um estudo transversal no período de julho a outubro desse mesmo ano, com enfermeiros pediátricos que trabalhavam no Instituto da Criança e do Adolescente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo, sobre a saúde mental e física durante a pandemia da COVID-19, através de pesquisa on-line, foram convidados 298 profissionais, 107 (36%) participantes responderam a um questionário anônimo, ficando estes como os selecionados para a pesquisa, 90% do sexo feminino, 65% dos enfermeiros relataram sintomas de ansiedade, 74% Burnout e 72% depressão de moderada a graves, para os enfermeiros pediátricos o impacto emocional foi relatado por 58% (ROBBA et al., 2020).

Os dados demográficos e dados relacionados à COVID-19 relatados por enfermeiros pediátricos durante a pandemia foram avaliados de acordo com a Escala de Transtorno de Ansiedade Generalizada (GAD-7) para ansiedade.

Depressão moderada/grave (74% vs. 16%, p=0,002) e burnout (82% vs.58%, p=0,01) foram significativamente maiores em enfermeiros pediátricos com ansiedade, em comparação com aqueles sem essa condição, enquanto depressão leve (PHQ-9 ≥ 5 e ≤ 9) (26% vs. 60%, p=0,016) e ausência de depressão (PHQ-9 foi ≤ 4) (10% vs. 61%, p < 0,001) foram mais prevalentes em enfermeiros sem ansiedade (ROBBA et al., 2020).

Os dados demográficos e dados relativos à COVID-19 relatados por enfermeiros pediátricos durante a pandemia, de acordo com a escala PHQ-9 para depressão. Falta de enfermeiros pediátricos (60% vs. 33%, $p=0,006$), burnout (86% vs. 62%, $p=0,004$), GAD-7 ≥ 5 (88% vs. 42%, $p=0,0001$) e uso de pílulas para dormir (33% vs. 4%, $p=0,0001$) foram significativamente maiores em enfermeiros pediátricos com depressão em comparação àqueles sem essa condição. Em relação aos enfermeiros que trabalhavam com adolescentes, a prevalência de PHQ9 ≥ 10 (49% vs. 47%, $p=0,83$) e GAD-7 ≥ 5 (63% vs. 68%, $p=0,67$) foi semelhante à dos enfermeiros que não trabalhavam com adolescentes. O burnout foi significativamente mais prevalente no primeiro grupo (77% vs. 32% ($p<0,001$)) (ROBBA et al., 2020).

Silva e Azevedo (2022) realizaram uma pesquisa do tipo descritiva e corte transversal, com abordagens quantitativas e seguidamente análises de dados, com 60 universitários do gênero feminino e masculino, da cidade de Imperatriz-MA, durante o período de março a abril de 2022. A pesquisa foi realizada para avaliar o uso de ansiolíticos e antidepressivos entre os universitários na COVID-19, o que, foi constatado que a maioria dos acadêmicos já fizeram uso do medicamento durante o isolamento social, sendo o Diazepam e o clonazepam os mais administrados. Neste sentido, a pesquisa apontou que 63% já utilizaram algum medicamento para ansiedade durante a pandemia da COVID-19.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, os resultados adquiridos mostraram que o uso de ansiolíticos e antidepressivos aumentaram em diversas partes do Brasil, afetando diversos grupos de pessoas, em diversas áreas, sendo o sexo feminino o mais afetado, isso pode ser devido ao fato das mulheres procurarem mais tratamento médico do que os homens.

O aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a pandemia ocorreram por diversas causas, uma delas foi o isolamento social, o convívio prolongado dentro de casa, aumentou o risco de desajustes na dinâmica familiar. Estes fatos somam-se as reduções de renda e o desemprego, que pioraram ainda mais a tensão sobre as famílias, os pais vendo muitas vezes seus filhos não terem o que comer, por exemplo.

Ainda, as mortes de entes queridos em um curto espaço de tempo, juntamente à dificuldade para realizar o velório e enterro, e com isso dificultando a experiência de luto e impedindo a adequada ressignificação das perdas, aumentando o estresse. Os estudos foram realizados com vários grupos de pessoas incluindo estudantes e profissionais da área da saúde, que estavam atuando na linha de frente a pandemia, perdendo amigos de trabalho, familiares, muitos ficaram distantes de casa e famílias com medo de transmitir o vírus, com isso foi afetando o psicológico desses profissionais.

Medicamentos como Diazepam e Clonazepam foram os mais prescritos pelos profissionais médicos, durante a pandemia, para tratar os transtornos psicológicos desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. A.; OLIVEIRA, S. M. S. S. Sintomas de ansiedade mais comuns em adolescentes. **Pepisic: periódicos eletrônicos em psicologia**, v.6, n.2, 2005.

BERNARDES, H. C., Costa, F. F., Wanderley, J. C. S., de Farias, J. P., Liberato, L. S., & de Moura Villela, E. F. (2020). Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. **Brazilian Journal of Health Review**, 3(4), 8631-8643.

BRASIL. Ministério da Saúde. Depressão. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao#:~:text=De%20acordo%20com%20estudo%20epidemiol%C3%B3gico,associada%20a%20um%20transtorno%20f%C3%ADsico>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde mental e a pandemia de Covid-19. 2022. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

BRITO, Letícia Ferreira; ABREU, Thiago Pereira de. O AUMENTO DO CONSUMO DE ÁLCOOL E DE BENZODIAZEPÍNICO: alprazolam no período da pandemia do covid-19. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.L.], v. 7, n. 10, p. 1791-1798, 31 out. 2021. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. <http://dx.doi.org/10.51891/rease.v7i10.2698>.

FIOCRUZ. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia. 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

HERCULANO, Marta Maria Soares; TORRES, Maria Alice Lopes; MOURA, Maria Clara Vieira de; SILVA, Ana Paula Almeida Dias da; PITOMBEIRA, Mardênia Gomes Vasconcelos; SILVA, Raimunda Magalhães da. Vivência dos profissionais de enfermagem em emergência obstétrica de alto risco frente à pandemia da COVID-19. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 18, out. 2022.

LIMA, D. S. et al. Uso de substâncias psicoativas entre universitários de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v. 57, n. 3, p. 188- 195, 2020.

MELO, Cauane da Silva; WIROWSKI, Natália; OLIVEIRA, Marlon Pereira de; VIEIRA, Igor Soares; MOREIRA, Fernanda Pedrotti. Avaliação da saúde mental e do consumo de antidepressivos e ansiolíticos em adultos jovens durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 11, n. 7, p. 1-8, 29 maio 2022. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.30095>.

OMS. **Organização Mundial da Saúde**. Depressão. 2022. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/depression#tab=tab_1. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

PIGA, Bruna Maria Fava; SHIMA, Vivian Taciany Bonassoli; ROMANICH, Francine Maery Dias Ferreira. Análise das prescrições de ansiolíticos e antidepressivos antes e durante a pandemia da COVID-19/ Analysis of prescriptions for anxiolytics and antidepressants before and during the COVID-19 Pandemic. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 11, p. 107178-107193, 22 nov. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n11-381>.

PINTO, A. R. C. J.; Tratamento farmacológico da ansiedade. Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/92602>. Acessado em: 01 set. 2021.

PREVEDELLO, Patrícia. Perfil do consumo de fármacos antidepressivos na atenção básica à saúde em um município do oeste catarinense. 2017. 21 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Farmacologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

RIBEIRO, Camila Lima; MAIA, Ivana Cristina Vieira de Lima; PEREIRA, Livia de Paulo; SANTOS, Vanessa da Frota; BRASIL, Raquel Ferreira Gomes; SANTOS, Juliana Sampaio dos; CUNHA, Morgana Boaventura; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Ansiedade e depressão em profissionais de enfermagem de uma maternidade durante a pandemia de COVID-19. **Escola Anna Nery**, [S.L.], v. 26, n., p. 1-8, maio 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2022-0041pt>.

ROBBA, Hingrid Cristiane Silva; COSTA, Andréa Aoki; KOZU, Kátia Tomie; SILVA, Clóvis Artur; FARHAT, Sylvia Costa Lima; FERREIRA, Juliana Caires de Oliveira Achili. Impacto na saúde mental de enfermeiros pediátricos: um estudo transversal em hospital pediátrico terciário durante a pandemia de covid-19. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.L.], v. 30, p. 1-13, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.5750.3583>.

RUA, J. O.; SANTOS, M. A. R. DEPRESSÃO E ANSIEDADE: UM OLHAR PSICOLÓGICO. Centro Universitário de Mineiros – Unifimes, 2017.

SHER, Leo. COVID-19, anxiety, sleep disturbances and suicide. **Sleep Medicine**, [S.L.], v. 70, p. 124, jun. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sleep.2020.04.019>.

SILVA, Joales Lima; AZEVEDO, Marcos Antônio Bandeira. Uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos de imperatriz-ma durante a pandemia/COVID-19. **Brazilian Journal Of Development**, Curitiba, v. 6, n. 8, p. 44222-44244, maio 2022.

SILVA, Rute Daniele da; RODRIGUES, Luis Henrique de Oliveira; SOUZA, landra Camila da Silva; SEIXAS, Karoline Belém; LIMA, Ana Karla Bezerra da Silva; MAIA, Renan Pires. DISPENSAÇÃO DE ANSIOLÍTICOS E ANTIDEPRESSIVOS EM FARMÁCIAS PRIVADAS DURANTE A PANDEMIA DE

COVID-19. **Temas em Saúde**, [S.L.], v. 21, n. 6, p. 314-333, nov. 2021. Even3. <http://dx.doi.org/10.29327/213319.21.6-15>.

SILVA, SÁVIO. A interação do álcool com medicamentos e seus efeitos no organismo. Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Disponível em: <https://repositorio.faema.edu.br/handle/123456789/1255#:~:text=O%20%C3%A1lcool%20%C3%A9%20capaz%20tanto,hipoglicemiantes%2C%20pode%20causar%20hipoglicemia%20severa>. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

VAZQUEZ, Daniel Arias; CAETANO, Sheila C.; SCHLEGEL, Rogerio; LOURENÇO, Elaine; NEMI, Ana; SLEMIAN, Andréa; SANCHEZ, Zila M.. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, [S.L.], v. 46, n. 133, p. 304-317, abr. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-1104202213304>.